



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14361 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

PROCESSO DE CRIAÇÃO E FABULAÇÃO NO DESENHO INFANTIL

Giseli Day - NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL - UFSC

PROCESSO DE CRIAÇÃO E FABULAÇÃO NO DESENHO INFANTIL

Resumo: Neste trabalho apresenta-se parte da tese defendida em 2019, uma pesquisa teórica sobre o desenho infantil produzido nas instituições educativas voltadas à primeira infância, seu processo de criação e fabulação, dando ênfase ao papel do professor frente a esses aspectos. Para tanto apresentou-se o panorama das pesquisas e os conceitos pautados na filosofia e na literatura que foram necessários para a análise: infância, cultura, individuação, texto visual e fabulação. O processo de criação indicou que o acesso à cultura, os afetos, a necessidade e a materialização da ideia via linguagem são seus elementos fundantes e, ao desenhar e produzir fabulação, tem-se no desenho infantil o fato literário.

Palavras-chave: desenho infantil, texto visual, fabulação.

Introdução

Este texto faz parte de uma pesquisa entre áreas que serve-se do campo da educação e das artes, mais especificamente da literatura, para pensar o desenho infantil produzido nas instituições educativas voltadas à primeira infância, seu processo de criação, fabulação e o papel do professor frente aos desenhos infantis.

Utilizando-se de categorias da teoria literária e da filosofia da diferença, questiona a ideia da busca pela representação da criança em seu ato de desenhar e encontra na fabulação o caminho para compreender o desenho infantil e seu ato de criação. Nesse sentido, temos como tema o processo de criação no *ato desenhativo* das crianças e a possibilidade de entender o desenho infantil como texto visual, capaz de dizer justamente aquilo que não pode ser dito por outra linguagem.

Ao tomar o desenho como linguagem, entende-se que pode ser aprendido e ensinado.

No entanto, o desenhar infantil tornou-se uma ação deveras naturalizada pela sociedade ocidental. Parece factual (e natural) que toda criança desenhe. E que o faça nas instituições educativas. Mas, se toda criança “naturalmente” desenha, não há o que ser ensinado.

As teorias linguísticas e literárias têm, cada vez mais, aberto e dessacralizado o papel do texto e, mais especificamente, do texto literário. Com Roland Barthes (1915-1980) e Jacques Derrida (1930-2004), ampliou-se a compreensão daquilo que pode ser considerado texto. Para Barthes (2010), o texto é um tecido no qual vários elementos da narrativa compõem uma trama que enreda tanto o escritor quanto o leitor.

Porém, o campo da literatura não direciona seus estudos para o desenho infantil. A contribuição deste trabalho é o desenho infantil como texto visual, capaz de oferecer narrativas, ficções e fabulações, visto que utiliza de múltiplas possibilidades visuais para materializar uma ação comunicativa-expressiva de seu autor na construção de significados.

Para realizar a pesquisa teórica trabalhou-se em duas frentes: primeiramente realizou-se um levantamento bibliográfico na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) a fim de selecionar para análise os trabalhos publicados entre 2006 e 2016 que trataram do desenho infantil no campo da literatura, trazendo um panorama do tema no contexto das pesquisas brasileiras. Articulado a isso, toma-se como base a filosofia da diferença e seus representantes Gilles Deleuze (1925-1995) e Friedrich Nietzsche (1844-1900) para identificar conceitos determinantes para a análise. Tendo como panorama a ausência de pesquisas que tratam o desenho infantil como texto visual, optou-se por pautar a análise sobre o processo de criação dos desenhos infantis a partir das seguintes categorias: infância, cultura, individuação, texto visual e fabulação.

Destaca-se que a pesquisa em literatura possui especificidades metodológicas: se o objeto da literatura é o fato literário, ir à campo se materializa no encontro com a produção textual. A filosofia associada à teoria literária disponibiliza ferramentas para que se investigue o objeto da literatura presente no desenho infantil: não apenas a obra, o autor, ou o leitor, mas o fato literário.

Assim, compreender o autor, o infantil que desenha nas instituições educativas, implica muito mais sobre a percepção de suas potências (e, a partir delas traçar ações pedagógicas que ampliem as possibilidades criativas humanas) do que delimitar suas ausências (a criança que “ainda desenha garatujas”, que fracassa na representação imagética). Para isso, buscou-se em Walter Kohan (2004) e em sua compreensão da infância como um efeito do contemporâneo um olhar que transcende a linha histórica da infância na sociedade ocidental. Para Kohan, a categoria Infância é compreendida como designadora de uma etapa inicial da vida humana, no entanto, indica não apenas a sua idade cronológica, mas também e principalmente, uma condição da experiência humana. Ou seja, para o autor, “o próprio da criança é ser não apenas uma etapa, uma fase numerável ou quantificável da vida humana, mas um reinado marcado por outra relação – intensiva – com o movimento” (p.8). A infância

para além de um marco cronológico, tem como característica uma intensidade de duração. Assim, as etapas do desenvolvimento, e também do desenvolvimento do grafismo infantil, adquirem não mais a característica de preparação para a próxima etapa, de acelerar o processo de aquisição de uma nova etapa num *vir-a-ser continuum*, e sim de experienciar toda a intensidade possível dentro das possibilidades oriundas daquele período vivido pelo ser infantil.

Sendo a infância um efeito do contemporâneo, é preciso entendê-la em seu contexto cultural que garante um compartilhar de repertórios. A cultura seria compreendida como a narrativa em comum sobre os acontecimentos humanos. Quando se produz educação com base ontológica nas diferenças, tem-se a cultura como uma realidade a qual deveríamos resistir ao invés de buscar o inserimento, só assim seria possível a “autonomia” que nos capacita a seguirmos a máxima nietzscheana: “torna-te quem tu és” (NIETZSCHE, 2001, p.270) e encontrar nosso espaço de individuação, autoria, diferença.

O conceito de individuação, disposto por Gilbert Simondon (1924-1989) e recuperado por Gilles Deleuze, indica como caminho ontológico o processo de diferenciação humana, pois, ao afirmar a diferença como ontologia do homem, o processo de hominização exige o ato de diferenciar-se. Destaca-se, então, a importância da autoria nos processos desenhativos que acontecem na infância: mostrar de si, colocar sua marca específica em meio aos padrões estéticos acessados na cultura. A partir dos modelos já oferecidos, encontrar um modo de desenhar que apresente a diferença e traga seu traço autoral na busca pelas soluções estéticas necessárias frente às questões visuais com as quais as crianças se deparam.

Para operar com uma compreensão que visa ampliar potências de vida, tomaremos, como indica Nietzsche, a cultura em seu sentido mais primitivo, relacionado à agricultura: cultura como cultivo (*züchtung*). O cultivo de uma terra para produção (de si, pela individuação; do outro, pela mediação), de sentidos, que afetam e deixam afetar, que constituem o humano: cultivar-me para que me torne aquilo que sou, não aquilo que é esperado pela normatização proposta e produzida no contexto sócio-cultural. Para Nietzsche, experiências e cultivo seriam a possibilidade de ampliar aquilo que foi vivenciado para transcender o eu, no sentido da individuação.

Processo de criação

Para pensar o processo de criação das crianças toma-se como base o texto de Deleuze intitulado “o ato de criação” (1987). Nele o autor parte da concepção de que não criamos no vazio e para haver criação é preciso materializar a ideia por meio de um recurso expressivo. “Não temos uma ideia em geral”, afirma, mas direcionadas à determinadas linguagens ou campos teóricos.

O processo de criação não se dá no vazio, parte daquilo que a criança em seu contexto cultural, por isso a importância de entender a cultura como esse espaço nutridor. Por meio dos afetos (daquilo que a afeta), é capaz de realizar dissociações e associações, novas

combinações ditadas por suas experiências, apropriações e generalizações sobre o mundo. A partir desse arcabouço de afetos, experiências e linguagens, organiza sua forma de se colocar no mundo e relacionar-se com o outro.

O tripé que sustenta o processo criativo é composto, então, pelas técnicas e suas ferramentas produtoras de materialidades; pela compreensão elaborada sobre as experiências transindividuais acessadas no meio cultural; e, pela linguagem que organiza esquemas de leitura capazes de produzir inferências sobre a materialidade produzida no processo de criar, ficcionalizar, modificar e se colocar no mundo, engendrando, inclusive, a própria existência. Tem-se aqui, no texto visual da criança, autor, leitor e fato literário.

Aquilo que afeta gera uma memória emocional que define e categoriza afetivamente o acontecimento vivido, aproximando-o de outros elementos ativados por sentimentos e emoções semelhantes. Ocorre associação de elementos que, embora tenham formas e conteúdos diferenciados, ativam no sujeito a mesma relação emocional. Essa associação permite novo arranjo de elementos que será materializada e inserida novamente no plano do real.

O fato literário contido no texto visual infantil se dá por meio da ficção do real produzida no ato de desenhar tendo como cerne a “função fabuladora” (DELEUZE, 2005, p. 183). A fabulação, ao se inserir no sistema produtor de imagens, forja a memória do passado e constrói nela intensidades voltadas para o futuro, são as novas organizações daquilo que acessamos a partir da elaboração dos nossos afetos. Assim, o acessado no processo de criação não é mais a experiência vivida, mas a experiência com novos contornos apresentados como uma imagem-fábula, uma memória do passado elaborada para o futuro. A fabulação se torna pura potência porque é entendida não apenas como uma reelaboração psicológica da memória, mas como criação de novos modos de existências, novos modos de produzir a individuação forjando o real por meio da ficção.

Deleuze afirma que a necessidade de materializar uma ideia não acontece por prazer, mas porque algo nessa ideia se torna indispensável para seu autor: para criar é preciso haver uma necessidade. A ação pedagógica do professor, tem o papel de potencializar o uso de recursos e elementos criativos no sentido de garantir aos infantis condições para sua criação. Tais condições perpassam o uso de ferramentas linguísticas e acesso aos conhecimentos organizados pela cultura para que possam ser combinados por meio de um ato ficcional e produzam fabulação. A fabulação se apoia, assim, na memória daquilo que foi acessado. Quanto mais rica a experiência vivida pelo sujeito, mais material estará disponível para ser combinado em seu processo de criação e ficção do real.

O professor organiza o cotidiano educativo dos infantis por meio de ações intencionais, planejadas, pensadas e mediadoras. Para colaborar com o processo criativo dos infantis é importante oferecer desafios capazes de gerar nas crianças necessidades que mobilizem o ato de pensar para a criação do novo, seja no plano cognitivo ou expressivo. Para

direcionar essa questão para o ato ficcional produzido ao desenhar, poderíamos tratar dos desafios estéticos organizados dentro de linguagens artísticas. Anrheim (1992) afirma que os desenhos infantis são soluções bem-sucedidas para problemas visuais. Os infantis, nesse sentido, não utilizariam o desenho como uma linguagem que reproduz a realidade instituída, como sugere a tradição visual, mas sim, que produz formas equilibradas visualmente, capazes de materializar ideias.

A criança não desenha para alcançar o real, mas o desenha em sua relação, no modo como é afetado. O desenho infantil traduz em volumes, distâncias, planos, traços, manchas, texturas e cores o que o sujeito desenhista, de algum modo, experienciou daquilo que deseja designar. O sentido é dado pelo espectador, o leitor de seu texto visual, que o lê a partir do seu arcabouço de experiências, informações e sensações.

A lógica do simulacro permite estabelecer novos nexos e, para além de uma representação que fracassa, torna-se um caminho que alcança um novo. A disponibilidade de elementos que sirvam como inspiração (e não ponto de chegada) no cotidiano infantil permite ampliação de repertório, novas associações, dissociações e combinações, num processo de (re)arranjar(-se) infinito. Por isso, a cópia como simulacro, pode superar os estereótipos em favor de uma autoria.

Considerações finais

O infantil não desenha para copiar o real ou representá-lo, mas cria um simulacro por meio de uma composição eficaz capaz de construir significados para suas narrativas, sensações e afetos. O ato desenhativo dos infantis abre espaço para ficcionalizar, expressar um modo de ler o mundo que, em si, produz uma realidade específica, por ele elaborada. O literário estaria não apenas no plano estético, mas principalmente na possibilidade de fabulação encontrada na dobra da ficção produzida pelas imagens produzidas como texto.

Consequentemente, torna-se pertinente a defesa da utilização de ferramentas que desenvolvam a linguagem do desenho. O desenho como linguagem possibilita aos infantis ficcionalizar o mundo por meio de uma configuração visual lida como texto e o processo de fabulação permite aos infantis participar da construção de sua existência e de seu processo de individuação, ser, em sua diferença.

Referências Bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Cengage Learning, 1992. BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARTHES, Roland. O efeito do real. In: BARTHES, Roland. **Literatura e Semiologia**. São Paulo: Cuklrix, 1972. p. 35-50

CABRAL, Caio César. **A teoria da individuação de Gilbert Simondon**: os modos físico e biológico de individuação. 2016. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Universidade

de São Paulo, São Paulo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **A imagem-movimento**. São Paulo: Editora 34, 2018 (Cinema 1).

_____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005 (Cinema 2)

_____. **Espinosa: filosofia e prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **O ato de criação**. Tradução: José Marcos Macedo. In. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

KOHAN, Walter Omar. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. In: **ANPED**, 27., 2004, Caxambu. Anais. Caxambu: Anped, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.